

Em busca de um novo educador para uma nova educação

Sandra Maria Nascimento de Mattos¹
José Roberto Linhares de Mattos²

Resumo:

Este artigo busca dar algumas contribuições na área de formação de professores, dando ênfase à necessidade de rever o que é ser educador ou educadora em direção a uma nova educação no século XXI. Como sugestão de caminhos a seguir em busca desse novo educador ou dessa nova educadora, está a interdisciplinaridade, dando ênfase à postura interdisciplinar do educador ou educadora. Também apresentamos os saberes necessários à prática educativa bem como a busca pela qualificação profissional de cada educador ou educadora.

Palavras-chaves: interdisciplinaridade, prática educativa, qualificação profissional, formação de professores.

1. Introdução:

O que é importante dizer sobre educação? Primeiro, devemos dizer o porquê ser educadora ou educador. Porque a educação é algo sublime. Por que dizemos isso? Porque só Deus consegue criar coisas permissíveis às pessoas e a educação é criação-imaginação-construção. Se nós temos um Deus Pessoal, então, nós temos algo encantador, que faz a criação de uma aula perfeita, que faz a imaginação fluir nos alunos e alunas e em nós mesmas e que faz a construção do conhecimento acontecer. Como diz Paulo Freire *a educação é libertadora*, é a prática da liberdade. Por isso devemos deixar que os alunos e as alunas edifiquem seu saber com prazer e com responsabilidade.

Cabe ressaltar que o professor ou a professora deve se aprimorar, se aperfeiçoar, pois isso se torna essencial em sua vida profissional, para se tornar competente e comprometido com os resultados de sua tarefa educativa. Se não se qualifica não sabe como fazer desse dom algo sublime. Não quero dizer que por ser um dom³ devemos voltar ao sacerdócio, a abnegação, sem pleitear nossos direitos, mas, com olhos em nosso dever.

Segundo Bruschini e Amado[2]:

“... o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente, influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações, acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional na carreira.”

¹ Pedagoga, Paisagista e Arquiteta. Pós-graduada em Psicopedagogia.

² Doutor em ciências; membro do LEPTRANS.

³ Há algum tempo atrás diziam que era dom para camuflar a desvalorização da profissão, para baratear os custos e para fazer com que as mulheres escolhessem o magistério com profissão, no intuito de fazer divisão do trabalho de homens e do trabalho de mulheres.

Segundo Apple[1]:

“Tendo em vista as conexões históricas entre o magistério e as ideologias acerca da domesticidade e da definição do “lugar próprio da mulher”, em que o magistério foi definido como extensão do trabalho produtivo e reprodutivo que as mulheres faziam em casa, não devemos nos surpreender que tais mudanças tenham ocorrido na composição de gênero da força de trabalho.”

A formação deve estar em primeiro lugar em sua carreira, senão perderá esse dom, deixando-o escorrer por entre seus dedos. E as qualidades necessárias ao bom professor ou professora são as dimensões que envolvam as qualidades emocionais, políticas, éticas, reflexivas e críticas, e sobretudo as de caráter do saber: o conhecimento acima de tudo e a pesquisa constante.

Segundo Ivani Fazenda [3]:

“Aprender a pesquisar, fazendo pesquisa, é próprio de uma educação interdisciplinar, que, segundo nossos dados, deveria se iniciar desde a pré-escola. Uma das possibilidades de execução de um projeto interdisciplinar na universidade é a pesquisa coletiva, em que exista uma pesquisa nuclear que catalise as preocupações dos diferentes pesquisadores, e pesquisas-satélites em que cada um possa ter o seu pensar individual e solitário. Na pesquisa interdisciplinar, está a possibilidade de que cada pesquisador possa revelar a sua própria potencialidade, a sua própria competência.”

Segundo Selma Garrido⁴ [7]:

“Zeichner ressalta a importância de preparar professores que assumam uma atitude reflexiva em relação ao seu ensino e às condições sociais que o influenciam.” “Zeichner reconhece nessa tendência de formação reflexiva uma estratégia para melhorar a formação de professores, uma vez que pode aumentar sua capacidade de enfrentar a complexidade, as incertezas e as injustiças na escola e na sociedade.”

Então ser educador ou educadora, é sublime, é “construir cabeças” que podem evoluir para o bem ou para o mal, porém esse dueto bem-mal faz parte do ser humano. Ser educador ou educadora é “construir cabeças” que percebam que podem transformar as suas vidas e a de outras pessoas, como Paulo Freire dizia *o indivíduo deve “saber” sua realidade, para só então transforma-la*. Através de uma educação transformadora, problematizadora isso pode ocorrer e, o poder dos educadores e educadoras é muito grande, eles podem ajudar ou prejudicar várias pessoas ao mesmo tempo. Ser educadora é como ser arquiteto, podemos construir obras inabaláveis, admiráveis ou obras medíocres que nada representam para o contexto onde estão inseridas.

⁴ Artigo: Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor In Fazenda, Ivani. Didática e interdisciplinaridade, 2003.

No Brasil, ser educador ou educadora, é lutar contra as algemas da discriminação, porque é uma profissão desvalorizada, menosprezada, de certa maneira discriminatória ou um “trampolim” para outras profissões. Muitas pessoas falam “Eu sou professor ou professora”, quando somente “estão sendo”, “passando”, para esperar “coisa melhor”. O que é “coisa melhor”? Uma profissão que ganhe bem? Uma profissão com melhor reconhecimento da sociedade? Uma profissão menos trabalhosa? Muitas perguntas que não dizem o que é ser educador ou educadora.

Um educador ou uma educadora que gosta de sua profissão, ama o que faz e faz bem feito. Investe no seu aperfeiçoamento, para poder ajudar outras pessoas. Seu preparo não é para si mas, para outros. É algo complexo que vai sendo tecido ao longo do espaço e do tempo, de acordo com o interesse de cada profissional. E isso, cria a nossa identidade profissional, necessária à prática e a cumplicidade com seus alunos. Seu reconhecimento é notório, quando recai em dedicação, em buscar transformar formas velhas de ensinar em formas que facilitem a aquisição, ou melhor, a construção do saber pela própria pessoa. Nós somos meros mediadores, que doamos nossa energia para outros, não o conhecimento e sim, a energia cósmica que existe na relação educador-aluno; pois é uma relação de emoções, de afinidades, de entendimentos, de escolhas, de intuições ou não. É igual a escolher o par certo. Seja homem ou mulher, existe competição, empatia, escolha, acertos e erros; porém tudo para a felicidade coletiva.

É através do aperfeiçoamento pessoal aliado ao dom que alguns professores e professoras vão construindo sua individualidade no universo profissional, sabendo ser único e múltiplo ao mesmo tempo.

2. O novo educador ou a nova educadora do século XXI:

Para que ocorra a transformação necessária a um novo indivíduo, deve-se primeiro buscar quem pode operar essa transformação de forma que o indivíduo mude através de uma conscientização, que já foi dita por Paulo Freire em seu livro *Conscientização* e, que continua sendo buscada para tender a uma solução plausível para o mundo de hoje. Resta a nós, educadores e educadoras de hoje, procurar processar esse novo conhecimento para que um novo mundo aconteça, sem que caia nos erros do passado, onde houve privações das emoções em favor da razão.

Esse dueto razão-emoção é complexo; porém deve ser buscado para que possa ocorrer a constante busca de algo novo, que justifique a crescente percepção que em nosso mundo existe incertezas e, como diz Morin, “*o complexo é o que é tecido junto, o que não existe distinções*”.

Já que somos esse dueto razão-emoção, só quando conseguirmos perceber o divino relacionado com o ser humano e com o ambiente, é que conseguiremos resolver esse dilema de um novo saber, que envolve tudo e todos, sem desprezar a menor tentativa que possa surgir.

A educação é sem dúvida a primeira área que deve buscar as complexas relações entre contexto-saber-homem e, na união com o divino, trazer novas formas de olhar o mundo. Porém junto com todas as outras áreas do conhecimento que estão temporariamente fragmentadas e que, após tornarem-se unidas revelam novas articulações do saber; que estará constantemente questionando outros conhecimentos e propondo novos caminhos de ver esse mesmo saber.

Piaget já se referia a transdisciplinaridade há algum tempo quando argumentava das interações e relações existentes em um sistema, e segundo ele, não existe qualquer

fronteira rígida entre as disciplinas; e segundo Nicolescu, a transdisciplinaridade trabalha com o que está entre, através e além de todas as disciplinas. Então, aqui, não significa anular as partes, mas mostrar que o todo se torna maior que a soma das partes e ao mesmo tempo, menor que a soma das partes e que, cada parte contém o todo e não pode ser descaracterizada quando se separa do todo. Tudo isso faz parte do pensamento complexo que envolve o educador e a educadora hoje em dia.

Segundo Severino⁵ [8]:

“É que, dadas as nossas condições e a complexidade da prática, precisamos de múltiplos enfoques mediatizados pelas abordagens das várias ciências particulares; mas não se trata apenas de uma justaposição de múltiplos saberes: é preciso chegar à unidade na qual o todo se reconstitui como uma síntese que, nessa unidade, é maior do que a soma das partes. Por isso, precisa ser também prática transdisciplinar.”

Assim, tecido junto, como diz etimologicamente a palavra plexus, significa que o ser humano está entrelaçado num contexto que tem a natureza fluído, que tem o divino agindo e que tem suas próprias emoções trabalhando e agindo em prol de seu crescimento e de sua transformação. É através do seu saber que isso tudo pode ocorrer. Ele interfere, infere, transfere, muda, transmuda, permuta, transpassa e consegue absorver toda complexidade que está mergulhado o conhecimento. E essa eterna mudança, gera incertezas que nada mais satisfaz nesse novo mundo por ele criado.

Então, o novo educador e a nova educadora devem ter em mente que o conhecimento não está completo, e que deve ser desenvolvido rumo a uma nova conscientização de mundo. Que devemos trabalhar em conjunto com as diferentes áreas do conhecimento em busca de uma educação universal, que permeie o individual, o físico, o biológico, o psíquico, o social, o cultural, o histórico, o interpessoal, o transpessoal e o espiritual. Observando que não há um caminho de certeza a ser seguido, mas, vários caminhos de incertezas, tentando conceber articulações, identidades e diferenças entre eles. Dando ênfase a contradição, a problematização, assim como dizia Paulo Freire em sua pedagogia do oprimido, também é focado por Morin em seu estudo sobre o pensamento complexo.

A ciência será um campo aberto, onde serão combatidas as velhas teorias, seus princípios e suas explicações tão certas, na tentativa de trazer novas visões do novo mundo e, o pensamento científico que é a raiz de toda história das teorias trabalhará a serviço de um novo despertar, de um novo amanhecer, não de certezas absolutas, mas que tentará buscar o conhecimento incompleto, porque é histórico e se faz com o caminhar do ser humano. E esse novo conhecimento também buscará um novo homem inacabado, inconcluso, porque também é histórico como diz Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*. Dialogicamente o ser humano proclamará seu amor ao mundo e aos seres humanos, num ato de criação e recriação com o divino.

Não deve pois, o educador e a educadora cair no mesmo erro do reducionismo e pensar que tudo estará resolvido com o pensamento complexo ou com a transdisciplinaridade, é claro que não, eles são apenas uma porta aberta que, através da provocação de dúvidas e incertezas, estará tentando mostrar o quão insatisfeito está o meio científico, a ciência com tantas certezas absolutas, visto que ainda somos seres em construção e em constante mudança. A cada momento ocorrem várias descobertas que modificam e transformam o pensamento científico. Porque somente nós educadores e

⁵ Artigo: O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In Fazenda, Ivani. Didática e interdisciplinaridade, 2003.

educadoras, devemos seguir teorias que já não dizem nada no mundo atual⁶? Porque continuarmos nesta “mesmice”, tentando provar que sabemos tudo⁷? Nós aprendemos e muito, com cada aluno que passa em nossa sala e isso faz com que crescamos e nos tornemos seres melhores⁸.

A nova educação deve buscar todas as dimensões do ser humano, deve promover um desequilíbrio⁹ nos sistemas existentes, acelerando uma nova visão de mundo. O ser humano deve encaminhar-se para o conhecimento de si como unidade múltipla que se direciona dentro da diversidade da espécie humana, e essa constante constatação de ser uno mas se desenvolver em suas multiplicidades, leva-o a procura de novas formas de explorar o conhecimento em sua essência, para um novo mundo.

3. Saberes para o novo educador e para a nova educadora:

Primeiro, deve-se mostrar os saberes necessários ao saber-fazer do educador ou da educadora, além das competências e habilidades que dão base ao trabalho docente dentro e fora da escola.

Segundo Tardif [9]:

“..., um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.”

De acordo com Tardif, em primeiro lugar, está a prática docente e ela deve subsidiar as pesquisas referentes ao ensino. Só quem faz sabe como se faz. O educador ou a educadora é sujeito de sua prática, onde ele organiza suas experiências de vida, sua história, seus valores e sua afetividade e age através dessa construção pessoal e social partilhada.

O embate entre teoria e prática se torna claro nesse momento e, cabe ao educador ou a educadora fazer esforço para se apropriarem do saber para transformar seu fazer, visando os interesses e necessidades individuais e coletivos.

Tardif [9] afirma que:

“... reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento é reconhecer, ao mesmo tempo, que deveriam ter o direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, pouco importa que ela ocorra na universidade, nos institutos ou em qualquer outro lugar.”

⁶ As velhas teorias devem ser relidas e tratadas como novas e essas novas releituras acabam por se tornar velhas e assim sucessivamente num eterno movimento dialético, e isso é buscado através de uma postura interdisciplinar do professor.

⁷ Nós aprendemos com o caminhar histórico do conhecimento, que é construído ao longo dessa mesma caminhada, porque somos seres humanos que também fazemos parte dessa história.

⁸ A busca da qualidade da nossa práxis é constante e envolve atividade sempre. Para isso devemos estar atentos a tudo que ocorre na sala e fazer um julgamento do que foi bom e pode ser absorvido em outros momentos e, o que não foi bom e pode ser redefinido para melhorar outras aulas.

⁹ Esse desequilíbrio não quer dizer anarquia, deixar acontecer por acontecer. Quer dizer não ter tudo como verdadeiro e que não pode ser modificado. Cada desequilíbrio gera incertezas, que leva a novas buscas de respostas diferentes da existente.

Um professor de profissão ou educador profissional é um prático que adquiriu a competência para realizar sua tarefa educativa com autonomia e responsabilidade, comprometido com os resultados de sua atividade profissional; analisando as diferentes formas de realização de sua atividade; refletindo sobre as exigências éticas que desempenha; escolhendo caminhos que valorize a construção, imaginação e criação de seus alunos; adaptando-se as transformações necessárias ao seu crescimento e aprendendo com seus alunos. Segundo Perrenoud [6]:

“... as posturas necessárias ao ofício, tais como a convicção na educabilidade, o respeito ao outro, o conhecimento das próprias representações, o domínio das emoções, a abertura à colaboração, o engajamento profissional.”

São competências que um educador ou educadora deve ter para desempenhar seu saber-fazer, que se articula entre a teoria e a prática de cada um. O conhecimento do professor profissional se forma sobre sua experiência, sobre sua relação e sua evolução no meio que vive.

Perrenoud [6] define o professor profissional como:

“...uma pessoa autônoma, dotada de competências específicas e especializadas, que repousam sobre uma base de conhecimentos racionais, reconhecidos, oriundos da ciência, legitimados pela universidade, ou de conhecimentos explicitados, oriundos da prática. Quando sua origem é uma prática contextualizada, esses conhecimentos passam a ser autônomos e professados, isto é, explicados oralmente de maneira racional, e o professor é capaz de relata-los.”

Paulo Freire era um grande conhecedor da ação educativa e entendia perfeitamente bem como a rigorosidade ética deveria permear o processo educativo, por isso ela não pode ser renegada a segundo plano. Assim, tanto o preparo científico como a ética deve estar aliada ao bom profissional de ensino; desse modo, não haverá mal-estar pessoal e profissional. Ele afirma que [4]:

“Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.”

Para Paulo Freire existem saberes necessários à prática educativa, os quais mostraremos a seguir:

- 1.1 **Ensinar exige rigorosidade metódica:** significa dar condições ao educando em aprender criticamente, que sejam criadores, instigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes; desse modo, não devemos estar certos de nossas certezas;
- 1.2 **Ensinar exige pesquisa:** significa que todo professor ou professora é um pesquisador; pois o que faz um bom professor ou uma boa professora é a constante atualização, seu aprimoramento; visto que somos seres históricos e que fazemos história constantemente num mundo onde o conhecimento também tem sua historicidade;
- 1.3 **Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos:** significa que o professor ou a professora deve mostrar ao seu aluno que sua experiência influencia a maneira como ele aprende os conteúdos instituídos e, faz com que ele possa refletir e agir sobre sua realidade, a fim de transforma-la;

- 1.4 **Ensinar exige criticidade:** significa que o professor ou a professora deve ser crítico em sua prática; como age, como leva seu aluno a produzir seu conhecimento;
- 1.5 **Ensinar exige estética e ética:** significa que o professor ou a professora deve estar comprometido com os resultados de sua ação pedagógica, visando a melhoria da qualidade de vida do aluno;
- 1.6 **Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo:** significa que o professor ou a professora tem o dever de dar exemplo, de falar o que realmente faz, de contribuir para o crescimento da cidadania;
- 1.7 **Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação:** significa que o professor ou a professora deve estar livre de qualquer pré-conceito, de rejeitar qualquer proposta que não seja válida para seus alunos;
- 1.8 **Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática:** significa que o professor ou a professora deve estar atento a sua prática de hoje e de ontem para que possa melhorar a próxima prática; e
- 1.9 **Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural:** significa que o professor ou a professora deve assumir-se como ser pensante, histórico, social, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de reconhecer o outro, capaz de ter raiva e capaz de amar.

Esses são os saberes necessários à uma boa prática educativa, à uma prática com responsabilidade e com comprometimento tanto dos resultados como da qualificação profissional de cada educador ou educadora. Paulo Freire [4] afirma que:

“O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem.”

“Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir.”

4. Conclusão:

A nova educação busca um educador ou uma educadora que consiga desmistificar o processo de ensino-aprendizagem; que está disposto a aceitar-se como inacabado, que não pode existir sem assumir-se político mas com ética; que tem esperança de modificar sua prática pedagógica para melhorá-la; que está condicionado a ser gente que justifica sua presença no mundo, o qual interage nas construções sociais, culturais e históricas para assim, poder transformá-las.

Faz necessária a conscientização para o surgimento da curiosidade, pois a curiosidade é já conhecimento assim como a linguagem também é conhecimento. Cabe ao professor ou a professora estimular a curiosidade de seu aluno, deixando-o livre para aventurar-se no mundo do saber; respeitando sua autonomia e sua dignidade, sendo tolerante com suas dificuldades, facilitando a superação da mesma.

Cabe ainda, ao professor ou a professora gostar do que faz e fazê-lo com prazer, com amor. Saber que aprender é uma aventura criadora, é construir, é reconstruir, é mudar, é transformar. Saber que a prática educativa leva a um saber geral e a vários saberes especiais que estejam ligados a prática docente, isso, leva a

interdisciplinaridade, leva a confluência de vários conhecimentos em prol da melhoria da aprendizagem, aprendendo a conhecer as relações e os significados existentes das diferentes disciplinas; aprendendo a fazer criativamente; vivendo em conjunto numa atitude trans-cultural, trans-religiosa, trans-política e transnacional; e aprendendo a ser com espírito científico num eterno aprendizado, pois sua formação é transpessoal.

Citando Paulo Freire, o professor e a professora devem sonhar o sonho possível, visando a história cultural, social e individual, pensando a prática diariamente dentro dos limites de hoje, ontem e de amanhã, uma prática dialética, dinâmica, buscando os espaços livres que devem ser preenchidos, anunciando e denunciando as discriminações existentes em nosso país e no mundo.

Segundo Paulo Freire[5]:

“Os profetas são aqueles e aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história de seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem e seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam.”

“Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que parem com a sua capacidade de sonhar, de investigar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles e daquelas que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina.”

Bibliografia:

- [1] APPLE, Michael. *Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia*. Cadernos de Pesquisa (64). Trad. Tina Amado. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1988.
- [2] BRUSCHINI, Cristina e AMADO, Tina. *Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério*. Cadernos de pesquisa (64). São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1988.
- [3] FAZENDA, Ivani C. A. (org.) *Didática e interdisciplinaridade*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- [4] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- [5] FREIRE, Paulo. *Educação: o sonho possível*. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. *O educador: vida e morte*. RJ: Graal, 1982.
- [6] PERRENOUD, Philippe et al. (org.) *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* 2ª ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- [7] PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor*. In FAZENDA, Ivani C. A. (org.) *Didática e interdisciplinaridade*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- [8] SEVERINO, Antonio Joaquim. *O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática*. In FAZENDA, Ivani C. A. (org.) *Didática e interdisciplinaridade*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- [9] TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.